



LINA POR ESCRITO: TEXTOS  
ESCOLHIDOS DE LINA BO BARDI  
1943-1991.

RUBINO, SILVANA; GRINOVER, MARIANA  
(ORGS.). SÃO PAULO: COSACNAIFY, 2009. 208P.  
180 ILS.

ISBN: 978-85-7503-764-5

---

Mônica Junqueira de Camargo

### O PASSADO COMO PRESENTE HISTÓRICO

Avaliar a dimensão da contribuição dos textos da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi é tarefa para trabalhos intensos, exaustivos, como alguns que já foram realizados, que não cabe ser simplificado em uma breve resenha. No entanto, estabelecer um diálogo com as idéias de Lina, uma intelectual influente com ativa participação no desenvolvimento da cultura brasileira, mais do que um exercício hermenêutico, é participar dos principais debates de sua época.

Na condição de arquiteta, imigrante, Lina soube se impor em um meio ainda hostil à participação feminina, captando, com muita sensibilidade, a essência da cultura local. Autora de poucos projetos, porém paradigmáticos do desenvolvimento arquitetônico nacional, e integrante ativa do meio artístico-cultural nacional, sempre com posição muito independente, tornam seus textos, que abrangem um dinâmico período da vida brasileira de quase meio século, documentos preciosos para perscrutações sobre as artes em geral e a arquitetura em particular, tendo ela refletido sobre cultura popular, artesanato e folclore, ensino, crítica, preservação, teoria e prática na arquitetura, design e sobre tantos outros temas ainda a serem identificados.

O excelente trabalho de Marina Grinover e Silvana Rubino a contemplar-nos com uma seleção de textos antes dispersos em revistas, livros e alguns em seu próprio acervo, é, antes de tudo, um compromisso com a cultura, pois constitui uma fonte riquíssima para pesquisas de vários campos do conhecimento. Trata-se de uma coletânea, o que nos permite acompanhar o percurso das idéias de uma arquiteta, desde sua ansiedade juvenil ao amadurecimento das experiências vividas. O texto de apresentação de Rubino já constitui uma contribuição *per si*, situando, historicamente, sua produção e identificando suas referências, Rubino recupera para o leitor o contexto mais amplo, do qual esses textos foram subtraídos, enriquecendo sobremaneira a leitura do trabalho de Lina. Uma reflexão à altura da argúcia da arquiteta-escritora.

Os textos de Lina revelam-nos a inquietação de uma mulher aberta ao diálogo, à busca de novas alternativas que respondessem às questões que a sociedade lhe colocava e que também soube rever suas idéias, dependendo do momento. Dos 32 textos reunidos nessa coletânea, dez foram publicados no jornal *Diário de Notícias* de Salvador, cuja edição dominical continha uma página dedicada à cultura. Esses dez artigos foram escritos entre 1958 e 1960, período em que Lina viveu na capital baiana, organizando e projetando as instalações do Museu de Cultura Popular da Bahia. Os demais foram publicados em revistas de arquitetura, de artes, catálogos de exposição, cartas ou depoimentos. O esforço das organizadoras em recuperar as imagens que acompanharam os textos merece destaque, pois são documentos valiosos à compreensão do diálogo de Lina com seu tempo.

Assim, podemos acompanhar: no início de sua carreira, na década de 1940 ainda na Itália, trabalhando em revistas como *A – cultura della vita*, Lina escrevia para leigos, introduzindo-os às conquistas modernas em seu próprio ambiente doméstico, no sentido de torná-lo mais confortável e compatível com as reais necessidades familiares diante da emancipação feminina e dos novos equipamentos. No entanto, passado meio século, Lina, em uma conferência de 1990, orgulhava-se de ter projetado pouquíssimas residências: *“pessoalmente, só fiz duas ou três casas para amigos, pessoas conhecidas. Se alguém que tem muito dinheiro me pede uma casa, eu não faço. Eu trabalho para o poder público, não acredito em iniciativa particular, mesmo num país capitalista: já tive muita dor de cabeça com ela.”* (p. 168) Uma postura que se aproxima daquela pleiteada por Niemeyer em sua famosa autocrítica de 1958, à qual Lina, naquele momento, contestou, o que torna curiosa essa observação da arquiteta, pois, na contramão da positiva receptividade que esse depoimento de Niemeyer recebeu da crítica, ela apontou a falta de habilidade de Niemeyer para reverter uma situação perante a oportunidade que lhe era oferecida. Segundo ela, *“a injustiça social existe, mas os problemas não se resolvem passando sobre eles e esquecendo-os. (...) a posição de revolta do arquiteto Niemeyer, ao fazer o contrário daquilo que ele teria podido fazer, enfrentar a especulação imobiliária para servir-se dela como uma arma, contra a própria especulação (a sua celebridade o teria permitido), é uma posição de artista desligado de problemas sociais, uma posição de l’art pour l’art”* (p. 92).

Mas cabe lembrar que o pacto de Lina com a coletividade lhe garantiu que, mesmo em obras não-contratadas pelo poder público, como uma de suas mais consagradas – Masp, ela conseguisse imprimir um indelével caráter público. A despeito de ter sido uma iniciativa de Assis Chateaubriand, empresário dos mais polêmicos da área de comunicação, que soube muito bem explorar o poder da imprensa para suas causas pessoais, inclusive para a constituição de seu fantástico acervo, o Masp se consagrou, exclusivamente, por sua arquitetura, com um dos lugares mais cívicos da capital paulistana, o qual conseguiu sobreviver às desastrosas administrações que o museu tem enfrentado.

Seus textos afirmam seu fiel compromisso com as conquistas da arquitetura moderna, expondo, em alguns deles, suas considerações sobre os deslizos e as interpretações equivocadas que dela fizeram, sobretudo, no segundo pós-guerra. Enquanto as manifestações revisionistas buscavam alternativas à falta de respeito às especificidades culturais e geográficas da arquitetura moderna, generalizada

como *international style*, Lina escrevia, em 1943, para a revista *Domus*, que foi justamente a arquitetura moderna a estabelecer uma estreita relação com a terra, a vida e o trabalho do homem, abrindo seus olhos para as verdadeiras contribuições, inclusive as vernáculas: “a pesquisa realista do mundo moderno, destruidora de toda superficialidade, de todo preconceito, de todo decorativismo, trouxe para a arquitetura a relação SOLO, CLIMA, AMBIENTE, VIDA, relação que, como maravilhoso primitivismo, vemos brotar da mais espontânea das formas da arquitetura: a arquitetura rural.” Essa lucidez independente e o compromisso com as conquistas introduzidas pelo movimento moderno permeiam toda sua trajetória. Para Lina, o racionalismo assumido pelo movimento moderno permitiu recuperar o que existe de vital no ser humano, por isso possível em qualquer lugar, e a especulação sobre o regionalismo, segundo ela, uma falsa questão: “o verdadeiro arquiteto moderno pode resolver, quando chamado, as realidades de qualquer país, (...) chegar àquela compreensão e formulação dessas realidades que às vezes os próprios arquitetos que ali nasceram não alcançaram”, sendo ela própria um grande exemplo.

Oportunas também suas considerações sobre o ensino, expondo a complexidade das relações entre teoria e prática e o papel da história na formação do arquiteto, dada a atualidade que conseguiram preservar: “para nós, a teoria se identifica com a prática, sendo a prática demonstrada racional e necessária através da teoria e, por sua vez, a teoria realística e racional [demonstrada] através de sua prática” (p. 82) (...), olharemos “para os diferentes períodos da história da arquitetura formulando as ‘perguntas’ das quais as realizações dos diversos períodos arquitetônicos são as respostas” (p. 84). Assim como suas idéias e sua prática na área do restauro arquitetônico, sendo uma das referências mais esclarecidas desse campo ainda carente de melhor compreensão, que revelam sua sensibilidade para as coisas do passado e a importância que afere ao presente histórico: “na prática não existe o passado. O que existe ainda hoje e não morreu é o presente histórico. O que você tem que salvar: aliás, salvar não preservar – são certas características de um tempo que pertence ainda à humanidade. (...) se a gente acreditar que tudo que é velho deve ser conservado, a cidade vira um museu de cacarecos. Em trabalhos de restauração arquitetônica é preciso criar e fazer uma seleção rigorosa do passado. O resultado é o que chamamos de presente histórico.” (p. 170)

Diante dos desafios que se colocam aos arquitetos brasileiros, nessa segunda década do século 21, os textos de dona Lina apresentam uma sábia atualidade, com os quais temos muito a dialogar.

---

#### **Mônica Junqueira de Camargo**

Docente do Departamento de História e Estética do Projeto da FAUUSP, professora nos cursos de graduação e pós-graduação, nos quais é também orientadora. Desde 2008, é editora-chefe da revista *Pós*.

Revista Pós, CPG-FAUUSP  
Rua Maranhão, 88. Higienópolis  
01240-000 – São Paulo, SP  
(11) 3091-4553; 3017.3164  
junqueira.monica@usp.br